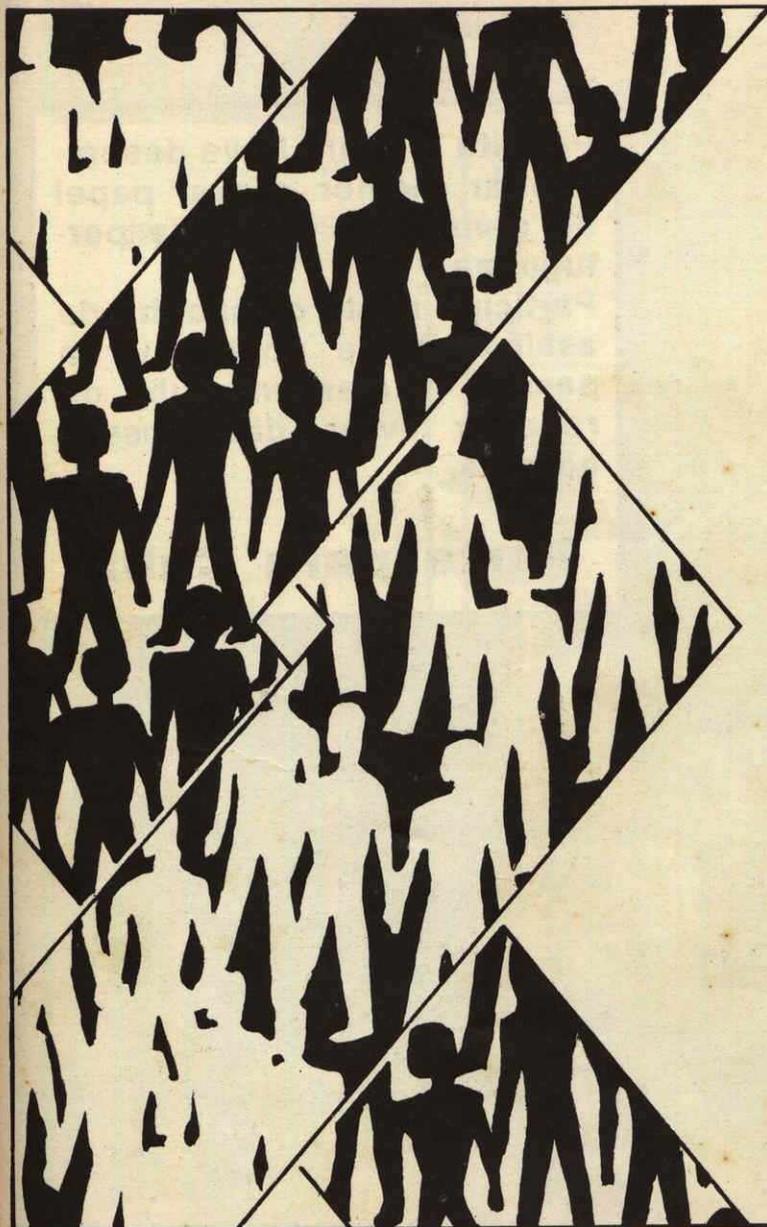


SEARA NOVA



NOVEMBRO 1976 N.º 1573



eleições

e

autarquias

- A SEMENTEIRA E A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO
- A GUINÉ BISSAU INDEPENDENTE E A HERAÇA DE CABRAL
- DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA À HISTÓRIA DO DESPORTO
- AS DUAS VIAS DO CINEMA PORTUGUÊS



A SEMENTEIRA

PUBLICAÇÃO MENSAL ILUSTRADA CRÍTICA E SOCIOLOGIA

e a

REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

por A. Ventura

«O Mundo não viu nada parecido com o que se passa agora na Rússia»

V. I. LENINE (1)

A Revolução Soviética de 1917 marca uma nova e decisiva etapa nas transformações económicas e sociais que sacudiram a Europa a partir da Revolução de 1789 e mais concretamente após a Comuna de Paris (1871).

Pela primeira vez na História, os explorados e oprimidos, tendo à frente como força dirigente e motora o proletariado, derrubaram do seu pedestal a burguesia, abrindo o caminho para a construção de uma sociedade sem exploração do homem pelo homem.

Como foi recebida no mundo a Revolução de Outubro? Como reagiram a ela as diferentes classes sociais?

Para a classe operária, ou melhor, para os sectores mais avançados e esclarecidos do proletariado internacional, a Revolução Russa tornou-se a prova provada de que era possível acabar com a exploração e com o capitalismo, de que as aspirações que nortearam dezenas de anos de lutas dos trabalhadores pela sua plena emancipação, se podiam converter em realidades palpáveis.

Para a II Internacional, a Revolução assemelhava-se a um acontecimento tétrico, um perigo terrível que passava a ameaçar a hegemonia que detinha no Movimento Operário Internacional. A sua política de colaboração de clamor e de chauvinismo antiproletário comprovado pela participação entusiástica de dirigentes socialdemocratas na guerra de 14/18 (Scheideman, Kaustky, Bissollatti, David, Legien) ficava comprometida pelo triunfo do levantamento de Petrogrado. Os trabalhadores começavam a ficar fartos do travão reformista e conciliador. Começavam a ficar fartos dos políticos que lhes diziam, como ironizou Rosa Luxemburgo: «Proletários de todos os países, unam-se na paz e cortem as goelas uns aos outros durante a guerra».

A própria Rosa Luxemburgo teria ensejo em 1912 (2), tal como a classe operária alemã, de sentir na própria carne aquilo que os líderes revisionistas entendiam por «socialismo» e «liberdade», ao afogarem num banho de sangue a Comuna de Berlim.

Para a burguesia, para os exploradores, a Revolução soava como um dobre de finados, mas ao mesmo tempo tornava-se um incentivo para a resistência e para o uso de todos os métodos para impedir o triunfo dos trabalhadores.

Todo o mundo capitalista se uniu no ataque à jovem República Soviética. A imprensa burguesa mundial secundou no plano logístico os intervencionistas estrangeiros e os contra revolucionários internos (Dennikin, Koltchak). Toda esta reacção era inteiramente justificada, porque «a Revolução Russa assumiu uma considerável amplitude, a influência que ela exerceu em profundidade permitiu-lhe abalar todas as relações de classes, revelar o conjunto dos problemas económicos e sociais, passar consequentemente, com a fatalidade da sua lógica interna, do primeiro estádio — a República burguesa — a estádios sempre superiores» (3).

Em Portugal, como no resto do mundo capitalista, a Revolução de Outubro foi acolhida como um «cataclismo», para utilizar a expressão do jornal reaccionário *O Dia* na sua edição de 10 de Outubro de 1917. Os comentários na imprensa portuguesa faziam lembrar os anátemas que, 46 anos antes, foram lançados sobre os combatentes da Comuna, que o *Jornal do Comércio* classificava de «uns garotos que vivem só da anarquia e do saque» (4).

Quando a ordem social estabelecida pela classe burguesa é ameaçada, esquecem-se atriços passageiros, pequenos arrufos de partidos afins. Em 1871 o jornal regenerador *Revolução de Setembro*, alvitrava solícito a resolução para a crise em França e apontava a solução: «Não haveria neste momento calamidade maior para a França do que a guerra civil. É necessário que monárquicos e republicanos se unam contra esta guerra» (5).

Em 1917, o tom geral da imprensa portuguesa, em especial da grande imprensa ligada às agências noticiosas internacionais, era de franca hostilidade em relação à Revolução Soviética. Assistia-se mesmo a uma santa aliança contra-revolucionária que englobava jornais de todos os partidos republicanos e monárquicos. De *O Dia* a *O Século* passando pela *República*, *A Luta* ou *A Monarquia*, o denominador comum era o anti-sovietismo.

Sendo Portugal um país intervencionista na guerra mundial ao lado dos imperialistas aliados, era natural que uma das teclas mais batidas pela nossa imprensa fosse o «serviço» que os bolcheviques prestavam aos alemães ao pretenderem uma paz separada. Lenine e os seus companheiros eram invariavelmente apodados de agentes dos alemães, de criminosos comuns, de loucos e desviados que queriam subverter tudo o que de válido havia na civilização. Daí as notícias mais fantásticas e caluniosas que iam desde a fabricação de notas falsas pelos bolcheviques

(1) V. I. Lenine «Oeuvres» Tomo XXVI Pág. 503 Ed. Progresso Moscovo.

(2) «O governo de Ebert e Scheideman mandou assassinar Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo (...)»

— Manifesto do Partido Comunista Alemão (Liga Spartakus) in (La comuna de Berlim - Ed. Grijalbo México 1971

(3) Rosa Luxemburgo «A Revolução Russa» Pág. 5 Cadernos Ulmeiro Lisboa 1975.

(4) 21 de Março de 1871.

(5) Citado por Ana Maria Alves em «Portugal e a Comuna de Paris» Ed. Estampa Lisboa 1971.

A SEMENTEIRA e a REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

até à insinuação de que o Exército Vermelho seria comandado por oficiais mães (I).

Quando o *Diário de Notícias* anuncia (6) que «um simples soldado foi nomeado comandante das tropas da região de Moscovo, um alferes e um aspirante vice-comandantes, um aspirante intendente geral, dois alferes inspectores de artilharia e engenharia», estava possuído da mais viva indignação própria de qualquer outro jornal burguês. Só que não reinava nas forças armadas russas a «anarquia» que anunciava em grandes títulos. A questão era bem diferente — era a construção de um exército popular e revolucionário, e a consequente destruição do antigo exército suporte militar da dominação burguesa. A destruição do poder de uma classe social e a sua substituição pelo de outra, é um processo complexo que exigia múltiplas formas de actuação. As fantásticas notícias de que se atacavam pessoas nas ruas de Petrogrado e Moscovo pelo simples facto de trazerem colarinho ou lunetas (7), e das depredações supostamente perpetradas pelos bolcheviques, tinham como objectivo a criação de um clima emocional anti-soviético e, ao mesmo tempo a criação de um muro que impedisse a classe operária portuguesa de tomar conhecimento da realidade russa. Agita-se então um espantinho que os anarquistas também utilizaram — a ditadura que os marxistas (II) pretenderiam impor ao povo russo.

Esta questão da ditadura, ainda hoje é utilizada pelos contra-revolucionários nos seus ataques à classe operária e, como se vê, não é de hoje, mas sim velha de 59 anos; quando vê a sua própria ordem ameaçada pela avançada irresistível dos trabalhadores, a burguesia recorre a todos os meios para justificar a sua própria ditadura. Acusa então os trabalhadores de quererem instaurar uma ditadura (Oh! Horror!) e contrapõe-lhes o seu próprio sistema de «democracia», ou seja de liberdade de exploração. Só a «democracia pura» como a concebiam até certos políticos sociais-democratas, pretendia encobrir a existência de uma sociedade dividida em classes antagónicas — «Democracia pura» é somente uma frase enganosa de liberal que procura lograr os operários (8). Lenine por várias vezes esclareceu a questão da ditadura do proletariado e da democracia proletária, que «é um milhão de vezes mais democrática que qualquer democracia burguesa» (9). Se a ditadura de uma classe (a burguesia) é derrubada, a classe que toma o poder (o proletariado) tem que tomar medidas para manter a sua autoridade, quebrar a resistência da burguesia, inspirar temor aos seus adversários e assegurar as condições que lhe permitam responder a toda e qualquer arremetida dos que perderam o poder (10). A forma de que se reveste a organização do poder dos proletários e dos seus aliados é que toma a denominação de ditadura do proletariado. Quantitativamente, poderá ser idên-

tica às ditaduras das outras classes; mas qualitativamente, essencialmente, é radical a diferença. Como salientou Lenine:

«O que tem de comum a ditadura do proletariado com a ditadura das outras classes é que está motivada, como qualquer outra ditadura, pela necessidade de esmagar pela força a resistência da classe que perde a dominação política. A diferença fundamental entre a ditadura do proletariado e a ditadura das outras classes — a ditadura dos senhores da terra na Idade Média, a ditadura da burguesia nos países capitalistas civilizados — consiste em que a ditadura dos senhores da terra e da burguesia foi o esmagamento pela violência da resistência oferecida pela imensa maioria da população, concretamente pelos trabalhadores. A ditadura do proletariado, pelo contrário, é o esmagamento pela violência da resistência que oferecem os exploradores, quer dizer, a minoria infima da população, os senhores da terra e os capitalistas» (11).

Para os anarquistas, que tinham uma concepção diferente do Estado, o facto de a classe operária se apoderar dos aparelhos desse mesmo Estado, pouco ou nada mudava — «Quem diz Estado, ou direito político, diz força, autoridade, predominância: isto supõe a desigualdade de facto; quando todos governarem ninguém é governado e não existe portanto Estado» (12). Para Bakunine, o Estado está acima das classes. O que é criticado é o Estado *em si*, e não a classe que detém o poder e dá a natureza a esse mesmo Estado. Ora a força, autoridade e predominância, tem forçosamente que existir enquanto existirem classes, porque o Estado «é o produto e a manifestação do facto de as contradições das classes serem inconciliáveis.(...)» O Estado é um órgão de opressão de uma classe por outra, é a criação de uma «ordem» que legaliza e consolida esta opressão, moderando os conflitos de classes» (13).

Mas para Bakunine, a causa de todos os males é o Estado e só o seu prioritário desaparecimento resolverá os problemas das classes trabalhadoras. A diferença entre o seu ponto de vista e o dos marxistas, é que «a abolição do Estado sem uma revolução social prévia é um absurdo: a abolição do capital é precisamente a revolução social e implica uma mudança em toda a produção. Mas, como para Bakunine o Estado representa o mal principal, não se deve fazer nada que possa manter a existência do Estado, quer seja uma república como uma monarquia ou qualquer outra forma de Estado. Daqui a necessidade de se abster por completo de toda a política» (14). Marx ironizava com o Estado *em si* de Bakunine: «Por conseguinte, não se trata de derrubar o Estado bonapartista, prussiano, russo, mas o Estado abstracto, o Estado como tal, que não existe em parte nenhuma» (15). Como poderiam os anarquistas combater o Estado burguês e substituí-lo pelo Estado dos operários e camponeses? Daí o seu «apoliticismo» e a sua recusa em colaborar em partidos políticos. Como abolir pois as classes? O meio para o alcançar é a «dominação política do proletariado» (16). Para alcançar este propósito é necessária «uma organização prévia da classe operária, nascida da sua própria luta económica e que tenha alcançado um certo grau de desenvolvimento» (17). Organizado, «o proletariado toma o poder político e por meio dele, converte em propriedade pública os meios sociais de produção que se escapam das mãos da burguesia» (18). Note-se que a classe operária se serve do poder político e o utiliza como meio para atingir os seus propósitos. Mas para quê é que o proletariado vai utilizar o Estado!? Vai utilizá-lo para «esmagar a resistência da classe

(6) 1 de Dezembro de 1917. Citado por César Oliveira em «A Revolução Russa na imprensa Portuguesa da Época» Ed. Diabril Lisboa 1976.

(7) «O PRIMEIRO DE JANEIRO» de 8 de Junho de 1918.

(8) V. I. Lenine «A Revolução Proletária e o Renegado Kautsky» Pág. 251 «Oeuvres» Tomo XXVIII.

(9) Idem Pág. 257.

(10) Idem Pág. 261.

(11) V. I. Lenine «Discurso no I Congresso da Internacional Comunista» (2 a 6 de Março de 1919) in «Discursos ante la Internacional Comunista» Pág. 14, Ed. Progreso Moscovo.

(12) Miguel Bakunine «O Estado: Alineação e Natureza» Incluído na antologia organizada por César Oliveira «O Estado, a Democracia Burguesa a Prática Revolucionária e o Anarquismo» Livraria Paisagem.

(13) V. I. Lenine «O Estado e a Revolução» «Oeuvres» Tomo XXV Pág. 194 e 422.

(14) Karl Marx «Carta a Teodoro Cuno» de 24 de Junho de 1872 publicada na Antologia «Sobre el Anarquismo y el Anarcosindicalismo» Ed. Progreso Moscovo.

(15) Karl Marx e Friedrich Engels «A Aliança da Democracia Socialista e a Associação Internacional dos Trabalhadores» 1873 publicado na Antologia citada em (14).

(16) Friedrich Engels «Sobre a Classe Operária» Acta do discurso pronunciado na sessão da Conferência de Londres em 21 de Setembro de 1871.

(17) Karl Marx «Carta a Friedrich Bolte» de 23 de Novembro de 1873 editada na Antologia citada em (14).

(18) Friedrich Engels «Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico» Ed. Estampa Lisboa 1972.

(I) Sobre a questão da acusação de os bolcheviques serem agentes dos alemães, ver de MARC FERRÓ «A Revolução Russa de 1917». Ed. D. Quixote, que tem alguns elementos de interesse sobre o assunto.

(II) Os maximalistas eram, rigorosamente, um ramo do Partido Socialista Revolucionário e que exigiu a aplicação do programa máximo do Socialismo na Revolução de 1905. Depois dessa data desapareceu praticamente da vida política. Vulgarmente chamavam-se maximalistas aos bolcheviques.

dos capitalistas e organizar a sociedade de maneira nova» (19). Segundo. E porque é que se utiliza do Estado herdado da burguesia?

Porque «a única organização que o proletariado encontra já preparada depois da sua vitória é precisamente o Estado. E certo que este Estado requer mudanças muito consideráveis antes de poder cumprir as suas novas funções. Mas destruí-lo num tal momento, significa destruir a única arma com que o proletariado vitorioso pode utilizar o poder que acaba de conquistar, esmagar os seus inimigos capitalistas e levar a cabo a revolução económica da sociedade, sem a qual toda a vitória deveria terminar numa nova derrota e no assassinato em massa dos operários, como ocorreu na Comuna de Paris» (20).

Da incompreensão de todo este processo, nasce a desconfiança dos anarquistas não só em relação à tomada do poder pelo proletariado, mas muito particularmente à forma de que se reveste a consolidação dessa tomada do poder, ou seja, a ditadura do proletariado. Preconizavam, isso sim, uma sociedade «que reconheça a liberdade plena e completa do indivíduo, não admita nenhuma autoridade...» (21) ignorando ou fingindo ignorar que a burguesia não facilitaria essa tarefa nem abdicaria pacificamente dos seus privilégios e do seu papel de classe dirigente. Preferiam falar num vago «comunismo libertário» e noutras frases muito belas mas ocas de sentido e sem significado no contexto da luta de classes. Mas é possível atingir o comunismo? Marx foi claro na forma afirmativa como respondeu à questão, indicou a via para o atingir, e caracterizou o período que medeia entre o socialismo e comunismo: «a este período corresponde também um período político de transição, cujo Estado não pode ser outro senão a ditadura revolucionária do proletariado» (22).

Também Kropotkine, ignorando a luta de classes afirmava: «... Nós, os anarquistas, pronunciámos a sentença definitiva contra a ditadura... sabemos que toda a ditadura, por honestos que sejam os seus propósitos, conduz à morte da revolução» (23). Só que essa ditadura do proletariado não é o fim da revolução, mas «é aí por onde deve começar a revolução socialista» (24). As análises erróneas e idealistas dos anarquistas reflectem-se nas suas concepções pequeno burguesas do Estado e da conquista do poder político pela classe operária e terão uma grande influência na incompreensão da Revolução Soviética por muitos libertários. Em 1917 os anarquistas tinham bem presentes as palavras de Piotr Kropotkine de que «a social-democracia aspira a tomar nas suas mãos a máquina estatal valendo-se do proletariado...» (25), e desconfiavam das intenções dos bolchevistas e da ditadura do proletariado. Não compreendiam que essa ditadura era dramática no verdadeiro sentido de poder do povo, do povo trabalhador, da grande maioria da população, «é a ditadura da rua, das massas, uma ditadura dirigida contra todo o género de opressão(...)». Os senhores anarquistas confundiram estas duas ditaduras (a burguesa e a proletária A. V.) que se negam reciprocamente, e por isso cobriram-se de ridículo: não lutam contra o marxismo, mas sim contra moínhos de vento, como fez no seu tempo D. Quixote, de boa memória» (26). A passagem do Estado bur-

A contra-revolução preparava-se para novas medidas enérgicas de repressão ao povo revolucionário... Agita-se então um espantalo — A DITADURA

(19) Friedrich Engels «Por Motivo da Morte de Karl Marx» artigo publicado em 17 de Maio de 1883 do «Der Sozialdemokrat».

(20) Idem. (21) Piotr Kropotkine «La Conquista del Poder» Pág. 130 Ed. Rio Nuevo Madrid 1973.

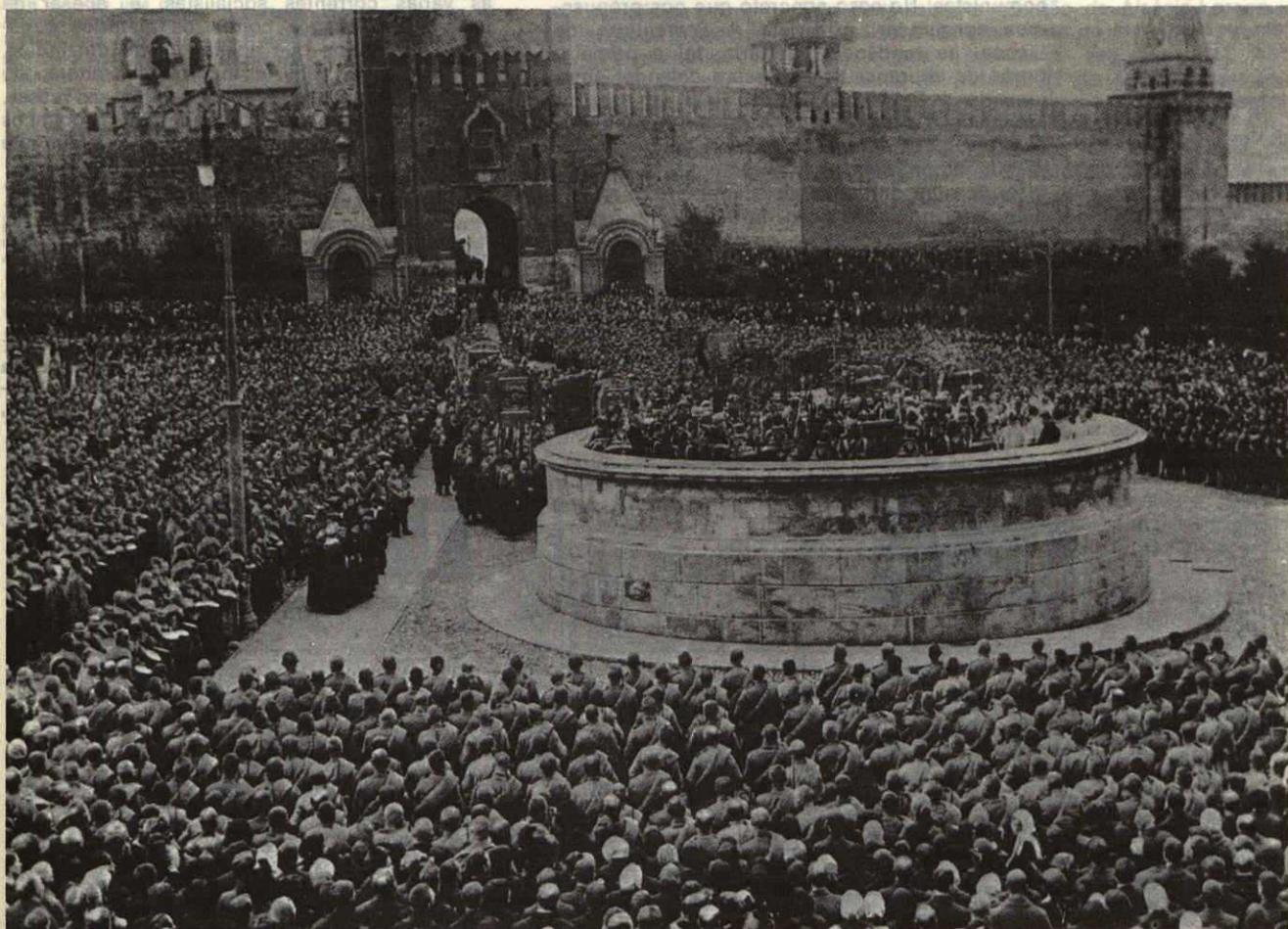
(22) Karl Marx «Crítica do Programa de Gotha» Pág. 44 Ed Nosso Tempo 1971.

(23) Piotr Kropotkine «Palavras de um Revoltado» Pág. 131.

(24) Y. Vassirionovitch Djughachvili «Anarquismo ou Socialismo?» Pág. 63 Ed. Grijalbo México 1972.

(25) Piotr Kropotkine «Pão e Liberdade» Pág. 62 a 63.

(26) Y. Vassirionovitch Djughachvili obra citada Pág. 85.



A SEMEITEIRA e a REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

gões para o Estado proletário «não surge como o resultado do desenvolvimento paulatino, evolutivo, da velha ordem burguesa, mas sim pela obra da sua destruição revolucionária» (27).

Resumindo: o objectivo do Estado proletário é «a utilização do Poder do proletariado para organizar o socialismo, para suprimir as classes, para passar a uma sociedade sem classes» (28).

Seria pois muito difícil para os anarquistas aceitarem a Revolução Russa, em especial depois de Outubro, e a consequente organização estatal daí nascida, muito diferente da «Revolução Social» resultado da prática quotidiana da acção directa «que todos os dias vai crescendo, até ao momento em que, alcançando um grau de força superior, se transformará numa conflagração que denominamos greve geral e que será a revolução social». (Victor Griffuelhes) (29).

A Revolução Russa foi recebida nos meios sindicais portugueses como essa esperada «revolução social» (30), em especial quando começam a chegar notícias de levantamentos camponeses após a queda do czarismo em Fevereiro. E nesse sentido que devemos compreender o apoio dado até relativamente tarde por sectores anarquistas e em especial por sindicalistas revolucionários à Revolução Russa, apoio esse que se prolongará nos anos 20 sob várias formas entre elas o «Socorro Vermelho», onde trabalhavam anarquistas de várias tendências ao lado de comunistas. No caso concreto que nos propusemos aprofundar, a revista *A Sementeira*, de Lisboa, de tendência libertária, foi o primeiro órgão da imprensa portuguesa a defender abertamente a Revolução Russa; «até ao aparecimento de *A Batalha* e de *A Bandeira Vermelha*, apenas *A Sementeira* procurou situar correctamente os problemas da Revolução e, embora inserida num ponto de vista libertário, a revista coloca-se numa posição favorável ao regime soviético» (31).

As notícias que *A Sementeira* — «Publicação Mensal Ilustrada-Crítica e Sociológica» — começou a dar sobre a Revolução, remontam a Abril de 1917, onde uma nota muito breve dizendo que em Petrogrado se generalizou (depois da Revolução de Fevereiro) o uso do tratamento por «Camarada», serve de introdução a um pequeno escrito de Máximo Gorki que continuará nos

dois números seguintes; o seu título é exactamente *Camarada* (32).

As transcrições de jornais europeus vão ser a base dos artigos de *A Sementeira* — «Com o nosso geral conhecimento da vida russa, com a distância a que nos encontramos do lugar dos acontecimentos, com a dificuldade extrema de obter, sob as actuais circunstâncias, documentos verdadeiros e valiosos sob a situação interna de cada país, impossível se torna uma apreciação profunda e fundamentada da revolução russa — tanto pelo que se refere às suas causas determinantes, como pelo que diz respeito às suas tendências, correntes de ideias, desenvolvimentos prováveis, consequências directas e indirectas, dentro e fora da vasta Rússia nebulosa» (33). É por este motivo que vai recorrer a numerosas transcrições e análises feitas noutros órgãos de informação estrangeiros. No artigo de onde extrairmos a passagem acima transcrita e intitulado «A Revolução Russa», são utilizadas partes de uma entrevista concedida por Martov (34) ao *Le Journal de Peuple* em 29 de Março de 1917, onde são feitas considerações sobre Kerensky (III) e Tschaidze (IV), sendo também abordada a questão da posição da social-democracia alemã para com a Revolução de Fevereiro.

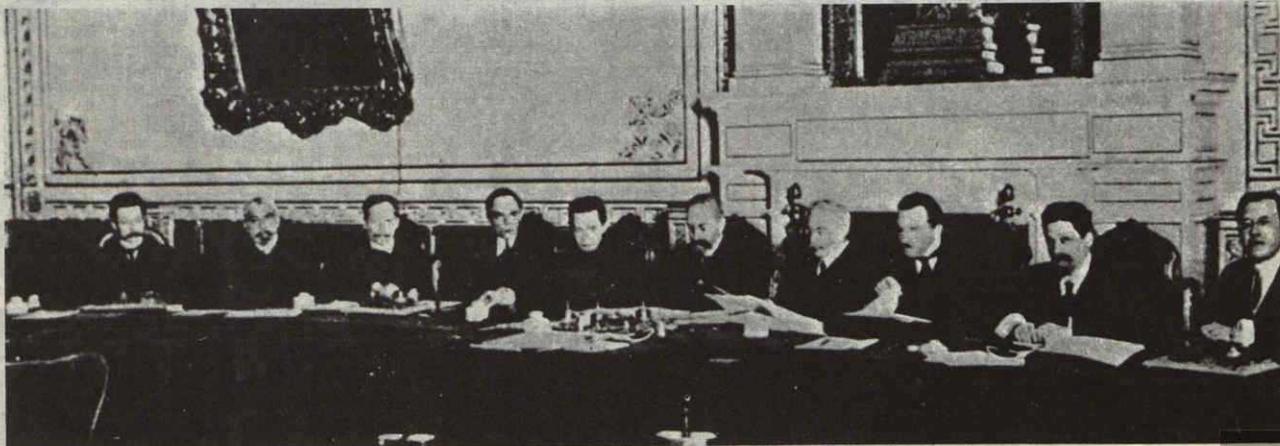
São transcritas passagens do *Avanti* e do *Vorwärts* sobre esse problema. Se por um lado a maioria da social democracia-alemã é social-chauvinista, é necessário um certo tacto político para lidar com ela. É a partir deste número que *A Sementeira* se começa a interessar pela posição dos sociais-democratas ditos «nacionais» atacando-os pela sua desconfiança em relação às transformações que decorriam na Rússia.

Reconheciam os redactores da revista que «A falta segundo parece de um caracterizado movimento anarquista, devemos contentar-nos com as várias correntes socialistas, e, apesar da nossa desconfiança contra os métodos parlamentares, temos que aceitar, como um índice, um expoente, débil e incorrecto embora, do trabalho íntimo que se opera nas massas russas, as actas e declarações de deputados e políticos socialistas, as únicas cujos ecos chegam até nós».

(III) A. F. Kerensky (1881-1970) Dirigente dos Socialistas Revolucionários e do grupo «Trabalhista» (Trudovik). Foi ministro no Governo Provisório e chefe do governo até à Revolução de Outubro. Feroz inimigo dos bolcheviques exilou-se nos Estados Unidos, não cessando a sua propaganda anti soviética.

(IV) Dirigente menchevique e do Soviete de Petrogrado. Inimigo da Revolução de Outubro e do regime soviético.

O primeiro gabinete do Governo Provisório. Da esquerda para a direita: Nabokov, Stchepkin, Manuilov, Godnev, Terestchenko, Krenski, Lvov, Miljukov, Nekrasov, Chingarev e Konovalov



(35) Marc Ferro «A Revolução Russa de 1917». Pág. 58 Ed. D. Quixote Lisboa 1972.

(36) Número 19 de Julho de 1917.

(37) Membro do Buró Político do Partido Socialista Belga. Foi secretário da II Internacional de 1904 a 1914. Tomou uma posição centrista face à guerra.

(38) Pavel Nicolaievich Miliukov. Dirigente constitucional democrata (K. D. em russo cadê). Ministro dos Negócios Estrangeiros no primeiro governo provisório. Colaborou na tentativa de golpe direitista do general Kornilov (26 de Agosto a 8 de Setembro).

(39) Jean Elleinstein «História da URSS» Tomo I Pág. 95 Ed. Europa América Lisboa 1976.

(40) Matvei Ivanovich Skobelev. Dirigente menchevique. Ministro do trabalho no governo de Kerenski.

(41) Agosto de 1917.
(42) Setembro de 1917.

(43) Outubro de 1917.
(44) Partidários dos princípios internacionalistas e anti-belicistas aprovados no Manifesto de Zimmerwald em 7 de Outubro de 1915.

(45) Novembro de 1917.

(46) Jornalista socialista francês. Durante a Grande Guerra é partidário do centrismo e aproxima-se das posições de Trotsky. Em 1916 escreveu uma célebre carta aberta intitulada «A Nos Amis qui sont em Suisse» à qual Lênine respondeu com a «Carta Aberta a Boris Souvarine» que foi na altura proibida pela censura e só publicada em 1918 no jornal francês «La Vérité» (Lênine «Oeuvres» Tomo XXIII Pág. 215 a 225 e notas 80 a 83). Foi secretário do Comité da III Internacional em 1920 e delegado do Partido Comunista Francês, de que foi um dos fundadores, ao Executivo da Internacional Comunista em 1921. Aderiu às teses anti-leninistas e cisionistas de Trotsky, pelo que foi suspenso do PCF em 1924 e finalmente expulso em 1925. Em 1927 bandeou-se definitivamente para o campo da burguesia ao começar a escrever no «Le Figaro» crónicas anti-comunistas e anti-soviéticas. No IX plano do CC da Internacional Comunista, em 1928, é considerado contra revolucionário. Escreveu uma biografia sobre Estaline — «Staline» Paris Plon. 1935. (Bibl. Leon Trotsky «A Natureza do Estado soviético» Pág. 124 Livraria Latitude S/ Data, Sergi Dimitriev «História da luta contra o Trotskismo» Pág. 127 Lisboa 1975 Ed. Estampa, Leo Figueires «O Trotskismo» Pág. 158 Lisboa 1971 Ed. Estampa, «Contra o Trotskismo — La Lucha

No número 18, de Junho de 1917, é transcrito um documento do Congresso dos conselhos dos delegados operários e militares da Rússia, e feitas considerações a propósito:

«Na Rússia, por iniciativa dos socialistas, organizaram-se imediatamente as forças populares revolucionárias de todo o país, à parte as organizações particulares de cada opinião ou partido — e o Governo lá foi aos empurrões, a Revolução tem avançado, quando pretendiam detê-la num tzarismo atenuado na forma, com imperialismo e tudo...»

Continuam as transcrições do *Avanti*, *Journal du Peuple* e dos jornais húngaros *Világ*, *Az Est* e *Népszava* e comenta-se a posição dos «socialistas nacionais»:

«Na verdade, se Scheideman e os outros pseudo-socialistas da sua raça fossem revolucionários, compreenderiam que é preciso apresentar o programa integral e empregar o máximo das forças, mesmo para obter na prática muito menos (...) Que os revolucionários nada restrinjam no seu programa, nada abandonem das soluções que julguem eficazes — sobretudo em favor de reformas democráticas que são verdadeiras e comprovadas utopias pelos ilusórios resultados que delas se esperam, e que nem assim são alcançadas, se constituem o programa dos partidos mais avançados...»

Na Rússia, depois da queda de Miliukov, o novo governo de coligação (Cadês, Socialistas Revolucionários mencheviques e Socialistas de esquerda) formado a 19 de Maio empreende na pessoa de Tseretelli (V) uma nova política externa. Retomando o apelo feito a 8 de Maio pelo Soviete de Petrogrado, Tseretelli propõe a realização de uma conferência internacional de socialistas a realizar em Estocolmo. Esta conferência será boicotada pelos bolcheviques, por um lado, e pelos países aliados por outro, que se recusarão a passar passaportes «àqueles que teriam que negociar com os socialistas do Kaiser» (35). Realizaram-se várias reuniões preparatórias em Estocolmo, mas a conferência nunca se chegará a efectuar. A *Sementeira* começa por publicar o apelo do Soviete de Petrogrado para a realização da Conferência de Estocolmo (36) e alguns extractos de artigos de *Journal du Peuple* e do *Socialiste Belge* de Camille Huysmans (37) sobre o sentido da conferência.

Esta mudança da política externa do Governo Provisório é importante porque entram socialistas, embora mencheviques, para o governo. A crise foi desencadeada por Miliukov (38) a 1 de Maio ao anunciar a disposição do governo de respeitar os compromissos internacionais contraídos pelo czarismo, o que provocou uma onda de indignação popular e de regozijo para os contra-revolucionários:

«Na perspectiva Nevski, uma multidão considerável desfila para apoiar Miliukov. Mas, nos subúrbios, dezenas de milhar de operários suspendem o trabalho e manifestam-se, por sua vez, contra o governo provisório». (39)

Estas demonstrações populares onde por vezes os operários armados (Guarda Vermelha) defrontavam os reaccionários, decorreram de 2 a 4 de Maio, terminando com a demissão de Miliukov e a formação de um novo governo.

A *Sementeira*, em Julho, transcreve várias notícias sobre esses movimentos, do jornal *Le Temps*, e um comunicado do Soviete assinado por Skobelev (40). Numa das citações do *Le Temps*, fala-se pela primeira vez no *Pravda*, aliás *Pravda*, o órgão dos bolcheviques. A *Sementeira*



Guarda Vermelha

explica que o *Pravda* «é o órgão de Lenine, o tão caluniado militante do partido socialista que luta e sofre há 25 anos pela sua causa e que na Rússia todos conhecem e respeitam, mesmo os seus adversários». Também o comunicado do Soviete merece o seguinte comentário:

«Linguagem sincera, sem dúvida, mas as situações dos homens são superiores às suas intenções, como dizia Bukunine. Enfim... espere-mos os resultados e vamos arquivando documentos.»

No número 20 (41) A *Sementeira* continua a publicar materiais respeitantes à projectada conferência de Estocolmo — a Memória da Maioria e da Minoria da social-democracia alemã — e termina por transcrever uma passagem de Karl Marx (Carta a Sorge de 1 de Setembro de 1876) e duas de Friedrich Engels (de 1891 a 1892 no *Neu Zeit*) sobre a questão da Alsácia-Lorena.

Passagens de uma carta de Lenine aos socialistas suíços expondo o seu programa, são publicadas no número 21 de A *Sementeira* (42); nota-se o grande atraso com que os documentos eram publicados. O apelo do Soviete de Petrogrado para a realização da Conferência de Estocolmo, feito a 8 de Maio, é publicado na revista de Julho, e esta carta de Lenine escrita quando ele saiu da Suíça a caminho da Rússia (chegou a 31 de Abril) só é publicada em Setembro.

No número 22 (43) são feitas novas considerações sobre a malograda Conferência de Estocolmo: «De entre os socialistas russos, só os bolcheviques ou maximalistas como Lenine, é que recusam tomar parte na conferência, por terem sido para ela convidados os traidores da Internacional da espécie dum Scheidemann. Foi o motivo apresentado por todos os demais zimmerwaldistas (44) cuja junta federativa internacional — A Comissão de Berna — apenas consentiu em convocar um congresso prévio para decidir sobre a participação na Conferência de Estocolmo.»

Um artigo de Charles Rappoport, publicado no *Journal du Peuple* sobre os «Problemas da Revolução Russa» serve de base a um texto — «Os Socialistas na Rússia» — publicado no número 23 de A *Sementeira* (45); nele se afirma que as ideias socialistas estão muito mais divulgadas na Rússia do que as anarquistas. De assinalar o ênfase posto na origem social dos dirigentes anarquistas russos:

«A Rússia socialista, revolucionária ou libertária tem à sua frente Miguel Bakunine, filho do embaixador, o príncipe Kropotkine, o conde Tolstoi, o coronel Pedro Lavroff, professor da Escola de Artilharia, Sofia Perovskaia, filha de governador, etc.»

(V) I. G. Tseretelli (1882-1959) Dirigente menchevique. Membro do Governo Provisório burguês em Maio. Depois de Outubro foi membro do governo contra-revolucionário da Geórgia fugindo para o estrangeiro depois da vitória do poder soviético naquela região.

A SEMENTEIRA e a REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

de V. I. Lenin y del PCUS contra el Trotskismo» Pág. 335 Moscovo 1972 Ed. Progresso, Jean-Jacques Marie «Trotsky e o trotskismo» Pág. 47, 49, 121, 136, 139 Lisboa 1972 Ed. D. Quixote).

(47) «Eis aqui a razão pela qual Lênine diz que «a ditadura é realizada pelo proletariado nos soviets e dirigida pelo Partido Comunista Bolchevique»; que «todo o trabalho do partido se faz por intermédio dos soviets que agrupam massas laboriosas sem distinção de profissão» (a Doença Infantil); que a ditadura «deve ser realizada... por intermédio do aparelho soviético» (A Propósito dos Sindicatos). É por isso que identificar o papel dirigente do Partido com a ditadura do proletariado é substituir os Soviets, o poder do Estado, pelo Partido... Y Vassironavich Djgachvili «Questões do Leninismo» Pág. 46 47 Livraria Júlio Brandão Porto 1972.

(48) Jean Elleinstein Obra citada Pág. 126.

(49) Número 25, de Janeiro de 1918.

(50) Fundador do Partido Socialista Francês e um dos fundadores da II Internacional. Antes da guerra teve uma posição de esquerda e revolucionária mas logo que ela começou adoptou o social-chauvinismo, entrando para o governo burguês.

(51) Gyorgy Lukács «O Pensamento de Lênine» Pág. 81 Lisboa 1975 Ed. D. Quixote. (Escrito em 1924).

No número 24, de Dezembro, já se faz eco do 7 de Novembro, baseando-se no *Le Journal* e nos escritos de Boris Souvarine no *Ce qu'il faut dire*:

«... nos principais soviets manifestavam-se enormes maiorias em favor do estabelecimento da ditadura do proletariado (sublinhado nosso A. V.), ideia, que Lênine há muitos anos acarinava».

E Souvarine receia que essa ditadura se transforme na ditadura «dos bolcheviques e do seu chefe» (47). Estas apreciações não surpreendem, se tivermos em conta as posições de Souvarine durante e depois da guerra (ver nota 46).

Em Janeiro de 1918, as notícias sobre a Revolução de Outubro são ainda escassas. Mas *A Sementeira* ataca firmemente os jornais burgueses de Portugal pelas suas especulações e falsidades:

«Já no número passado fizemos a apreciação das notícias e comentários que a imprensa burguesa nos transmite; são em geral mentiras, fantasias e calúnias, que se contradizem, desmentem e embaralham. No mesmo número em que, por exemplo, Trotski é acusado de agente alemão, pago pelo oiro do Kaiser, é-lhe atribuído o projecto de revolucionar e desorganizar o exército germânico, de partir o instrumento do feudalismo teutónico, depois de haver despedaçado o do imperialismo russo... A força da imbecilidade, os jornais e agências deixam de ser infames, para se mostrarem grotescos».

«Entretanto, no nosso coração, vai-se fortalecendo uma grande esperança. Parece não haver já dúvida de que a revolução social é a nova grande revolução, que, como a dos fins do século XVIII, abre um período glorioso de revoluções sociais e inicia uma nova era, a era socialista».

Manifesta também temores pelo uso da «violência autoritária», apesar de reconhecer que «o terror revolucionário nasce da urgente necessidade de defesa, do embate terrível entre a paixão renovadora e a raiva despeitada da contra-revolução, o fanatismo obtuso dos vende-

anos, que na epopeia hodierna se chamam ucranianos e cossacos». Também é mostrado um certo receio da revolução poder vir a ser vencida pela reacção devido à fraca industrialização do país, e à crescente actividade dos contra-revolucionários. E chega mesmo a afirmar: «O próprio Lênine ainda em 1915 escrevia, na Suíça, que era por isso impossível, na Rússia, uma revolução socialista imediata. Até que pouco foi o seu marxismo desmentido pelos factos? Porque foi o grande revolucionário (sublinhado nosso A. V.) arrastado pelos acontecimentos? Problema ardente, expectativa angustiada!...»

Dá depois algumas informações sobre os anarquistas na Rússia, baseando-se no *Ce Qu'il Faut Dire*, dando a entender que em Petrogrado os anarquistas têm uma grande actividade, e que existe uma perfeita colaboração com os bolcheviques. O artigo é de Lisitchtine que chega a afirmar que «a imprensa não se engana de todo falando na «anarquia russa», e dá como argumento para provar o facto de «Lênine e Trotsky e os seus amigos já não se intitulam «governo» mas soviets dos comissários do povo». Ora o termo «governo» nunca foi utilizado na altura. Como nota muito justamente Elleinstein, «No dia 8 de Novembro de 1917, ao meio dia, o comité central do Partido Bolchevique reúne e decide a formação de um conselho de Comissários do Povo. As palavras «governo» e «ministros» são suprimidas para mostrar a diferença entre o estado burguês e o estado socialista» (48).

Também é publicado nesse número de *A Sementeira* (49) uma carta de Trotsky dirigida a Jules Guedes (50), com data de 11 de Outubro de 1916, sobre as perseguições que foram movidas em França ao jornal que Trotsky dirigiu em Paris, o *Nossa Palavra* (NACHE SLAVO).

No número de Fevereiro de 1918, o 26, um aviso adverte os leitores de *A Sementeira* que o redactor responsável pela publicação dos artigos sobre a Rússia adoeceu, pelo que não se publicará nada nesse número sobre o assunto. Insere no entanto um interessante artigo de Astrologildo Pereira (brasileiro, pensamos tratar-se do fundador do Partido Comunista Brasileiro) intitulado «A Falência do Estado», onde se afirma a certo passa: «O Estado faliu e o mundo entra num período de tremendas confusões e desordens. O Exemplo da Rússia pode servir de espelho». Só que a falência era do Estado burguês, enquanto na Rússia Soviética se erguia um novo tipo de Estado, o Estado proletário, o Estado dos oprimidos «que se revela como uma arma da luta de classes, como um dos instrumentos essenciais para a manutenção da dominação de classe» (51).

NÚCLEO MILITAR REVOLUCIONÁRIO que comandou a insurreição



ESTALINE



URITSKI

(52) Victor Griffuelhes, sindicalista francês, secretário geral da CGT em 1902. Tem um importante papel na aprovação da Carta de Amiens em 1906. «Griffuelhes é de formação blanquista, e o blanquismo é mais um temperamento que uma doutrina política». Edouard Dolléans «História del Movimento Obrero» Tomo II Pág. 108 a 136 Madrid 1969 Ed. Zero.

(53) A. Z. Holtzman. Bolchevique desde 1917. Membro do C. C. do Sindicato dos Metalúrgicos. De 1920 a 1921 membro do presidium do conselho Central dos Sindicatos.

(54) 19 de Janeiro de 1918.

(55) Junho de 1918. A Guarda Negra anarquista, tentou uma sublevação em Petrogrado em Abril de 1918 sendo derrotada pela pronta acção dos guardas vermelhos.

(57) Liev Borisovich Kamenev, Bolchevique. Conciliador perante os otzovistas, trozkistas e liquidacionistas (1907-1910). Manifestou-se contrário às «Teses de Abril» de Lenine e à tomada do poder, denunciando, juntamente com Zinoviev a decisão tomada pelo C. C. do Partido Bolchevique de desencadear a insurreição armada. Tomou inúmeras vezes posições contrárias a Lenine. Em 1925 organizou a «nova oposição» e em 1926 é um dos dirigentes do bloco anti-partido Trozky-Zinoviev. É expulso do Partido Comunista (Bolchevique) da Rússia em 1934.

(58) Depois do seu regresso à Rússia, Gorki foi adversário de Lenine e dos bolcheviques até 1918, utilizando para isso o jornal que dirigia, o «A Nova Vida» (Novaia Jizn), aderindo nesse ano ao poder soviético. Tornou-se então num dos grandes renovadores da literatura e da arte na Rússia assumindo cargos de responsabilidade até à sua morte em 1936.

Também é incluído nesse número um artigo de Leon Trozky intitulado — «O Pacifismo Burguês».

«Os Rurais e a Revolução Russa», publicado no número 27 (Março de 1918), teve como base um artigo de Lenine publicado a 3 de Novembro no *Bote der Russischen Revolution* de Estocolmo, sobre a situação dos camponeses na Rússia. São feitas considerações sobre a intensificação agrícola e a subprodução. Outro artigo, «O Escolho», crítica a social-democracia alemã pela continuação da sua posição face à Revolução Russa e transcreve passagens de um artigo de Victor Griffuelhes (52) criticando Lenine «artigo cheio de atiladas observações exprimindo embora ideias de que em parte discordamos».

O número de Abril de 1918 dá algumas notícias sobre a ida do bolchevique Holtzman (53) a Inglaterra, França e Suíça em missão de esclarecimento e acrescenta:

«As agências enchem o mundo de falsidades como a da ferocidade dos bolcheviques e a do caos russo, no qual ninguém tem a vida segura. Há três anos que a imprensa mercantilista intruja ignobilmente o público. (...)»

A guarda vermelha não é um exército permanente, é composto de operários, que não deixam a oficina senão nas horas em que é requisitado o seu braço armado, voltando depois ao seu trabalho habitual.

Quanto à dissolução da Constituinte (54), foi bem aceite pelo povo, especialmente porque ela recusava reconhecer os direitos do operário, isto é, a socialização do capital».

Claro que em tudo isto havia uma ideia ingénua de como decorria a luta na Rússia dos Sovietes. Com a contra-revolução activa desde o 7 de Novembro, e se tivermos em conta que a guerra civil só terminou em 1922 (combates de Volocháevsk de 10 a 12 de Fevereiro e de Spassk de 7 a 9 de Outubro), era necessária a constituição de um corpo militar que garantisse a defesa permanente do socialismo contra os seus inimigos internos e externos — foi o Exército Vermelho.

A *Sementeira* de Maio de 1919 insere um comunicado assinado pelo Comissário do Povo para as relações exteriores da Finlândia, Irio Sirola. No número seguinte (55), já se podem ler algumas reservas quanto ao andar da revolução e à actuação dos bolcheviques, motivadas, talvez pelas notícias do esmagamento da Guarda Negra em Petrogrado (56).

«... se vissemos na Rússia, faríamos como os anarquistas russos, oposição ao governo maximalista e a todos os jacobinismos, mesmo socialistas, procurando contribuir para o alargamento das liberdades ganhas.

(...) E as conclusões por enquanto tiradas, não perdendo de vista as relatividades tão apreciadas pelos espíritos realistas, afiguram-se-nos bastante satisfatórias, e consoladoras.

(...) Mas se não confiamos na capacidade educativa do Estado, nas ditaduras iluminadas e fadoras de progresso, nos governos que preparam... a emancipação das massas, isto é, se somos anarquistas, força nos é aceitar a necessidade da revolução, com os seus inconvenientes ao lado das suas vantagens, e combater nela todas as tendências para a constituição dum novo poder, capaz de ludibriar ou deter a emancipação dos homens».

São também publicados extractos de uma entrevista concedida por Kamenev (57) a *L'Illustration*.

No número 32, de Agosto de 1918, é transcrita uma parte de um discurso de Lenine com uma nota da redacção que diz:

«Damos este documento sem comentários, não ousando, por falta de elementos formar um juízo seguro sobre a sua doutrina, nos pontos em que nos parece mais discutível».

No número 33, de Setembro de 1918, embora se considere que «a revolução russa está pois cercada por todos os lados, tem inimigos em todos os pontos do horizonte...», já se fazem críticas severas ao regime soviético:

«... a doutrina escorregadia sustentada por Lenine perante os soviets... O novo «governo revolucionário» torna-se-á cada vez mais um governo como os outros, por mais sincera que seja a paixão renovadora dos seus membros... (...) Na Ucrânia, por exemplo, há uma revolta aberta de camponeses (...) o governo maximalista não é a revolução russa».

As especulações acerca da sorte de Máximo Gorki feitas na imprensa burguesa, também merece alguns comentários da parte da redacção de *A Sementeira*; uns diziam que Gorki tinha sido detido pelos bolcheviques, outros afirmavam que havia sido executado e outros ainda que tinha pura e simplesmente desaparecido (58).

Em Fevereiro de 1919, *A Sementeira* faz um balanço da Revolução na Rússia num artigo intitulado «Um Ano Depois» e que transcrevemos na íntegra. Os sublinhados são nossos.

«A agonia do bolchevismo ou maximalismo, tantas vezes anunciada, prolonga-se demasiadamente, e a revolução socialista russa completa o seu primeiro ano, trabalhoso e doloroso embora... Parece, pois, tratar-se de uma força bem mais apegada à vida do que, por exemplo, o luso pimentismo, o afonsismo e outros ismos caseiros, caídos com os solavancos das balbúrdias políticas...»



SYERDLOV



DZERZHINSKI



BUBNOV

A SEMEITEIRA e a REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

Não lhe faltaram, entretanto, inimigos, poderosos e implacáveis, além dos desleais, que por cima de tudo alvejam a revolução russa, visando a extinguir um incêndio que ameaça dilatar-se. Para muitos deles, aliás, bastaria a explicar-lhes o ódio um acto temerário dos Soviéticos: a anulação dos empréstimos contraídos pelo tsarismo. Há muitos anos que os revolucionários russos se fartavam de prevenir disso o confiado capitalismo internacional, que estava longe de esperar a vitória da revolução e que contra ela provia de armas e munições a autocracia tsarista.

Quando o golpe foi vibrado — como não podia deixar de ser — todos os revolucionários sociais viram nele a manifestação, aliás elementar e necessária, duma verdadeira revolução, que não se limita a substituir um governo por outro; mas todos esperaram a resposta violenta do capitalismo mundial ameaçado.

E a resposta veio, em forma de intervenção armada e de calúnia «de grande estilo» — ofensiva muito em voga nesta pavorosa crise de violência militar e de mentira estratégica. O nó da calúnia foi apresentar o socialismo maximalista russo, adversário de todos os imperialismos, como vendido ao «inimigo» e como um inimigo igual ao outro, *quando afinal, inimigo é na verdade, e bem profundo, mas do capitalismo internacional, que amanhã encarregará provavelmente a Alemanha — hoje combatida como rival, como concorrente, e não como inimigo — de fazer a polícia da Rússia e de esmagar ali a Revolução, se esta não estalar na própria Alemanha e se o proletariado internacional não estorvar o acordo.*

Mas esse torvo ódio à revolução russa, vindo donde vem, é perfeitamente lógico e compreensível. E quando vemos um simples democrata, como o escritor espanhol Gabriel Alomar, sem deixar as suas opiniões democráticas e as suas preferências por Kerenski, defender contra os seus correligionários a integridade de carácter dos homens e a grandeza das coisas da revolução russa, colocando-a, por aqueles e por estas, acima da revolução francesa em importância e profundidade social, estamos em face duma excepção estranha que honra a independência mental do autor e deveria envergonhar os que, *dizendo-se ainda socialistas e alguns até anarquistas, entram no côro de maldições contra os bolcheviques!*

E é a atitude destes últimos inimigos do maximalismo que nos parece menos lógica e compreensível. Declarada a guerra, foi em nome da revolução social que tomaram o partido de um dos grupos beligerantes. Do mal o menos. Batiam-se pela «Democracia» porque, ao estalar a conflagração, *não fôra possível fazer a revolução verdadeira, à qual, porém, a vitória duma coligação de Estados apianaria o caminho...*

Mas a revolução veio enfim, tornou-se possível num vasto território. Pareciam que sobre ela tornasse a reinar o acôrdo entre os revolucionários, que todos diziam buscá-la, embora por opostos caminhos... O facto, porém, vinha ferir

sectarismos e transtornar a realização dum plano, que num estreito critério democrático apresentara como sendo um simples meio, e que a lógica do caminho tomado, ladeira abaixo, acabou por transformar em fim, ao qual tudo se sacrificava, inclusivé a revolução.

E esta foi combatida, ou melhor, negada. Aquilo não era uma revolução socialista: era uma ditadura, pura e simplesmente, era a reacção! *Fez-se um agrupamento de taras e violências, calando-se o mais; elaborou-se uma reseña dos acontecimentos segundo os padres Lorient da burguesia: reproduziram-se pressurosamente as piores invenções policiesco-jornalísticas. Os reformistas pseudo-socialistas, que na Rússia se chamam, por estranha aberração, «socialistas revolucionários», em cujas fileiras se alistaram, como último refúgio, inúmeros burgueses, foram dados como os verdadeiros intérpretes do povo russo, do socialismo e da revolução.*

Muitos chegaram, não só a aplaudir, mas a reclamar a intervenção armada na Rússia! Não era, evidentemente, para garantir o pagamento dos juros dos empréstimos feitos ao tsarismo: era para sufocar a revolução e a liberdade e esmagar a ditadura!

E de que acusam afinal a revolução russa? Das culpas alheias sobretudo, incluindo a dos próprios acusadores.

Que não realizou a paz! O exemplo não foi seguido com a rapidez que se desejava. Mas quem dá o exemplo tem culpa de não ser seguido imediatamente? E é por isso infrutífero o exemplo? Uma revolução só é feita ou tentada com a certeza de se alastrar fulminantemente? *Nesse caso, nunca ela seria um facto, nunca seria iniciada.*

Mas foi um facto, e é isso o essencial. O exemplo ficou vibrando — o exemplo formidável duma guerra terminada pela revolução, duma paz imposta, num país, pelo povo. *A história dos acontecimentos não está escrita; ninguém pode ainda calcular a parte que deles possa ter o exemplo russo.* E eles seguem o seu curso. Brest-Litovsk foi um incidente desastroso, mas que passará; a revolução, que por vezes é forçada a recuar, há-de galgar enfim por cima de tudo e ganhar o mundo.

Que não organizou a abundância! Poderíamos opor às notícias interessadas informações mais optimistas, como, por exemplo, a respeito da abundante produção de trigo. Mas neste ponto, preferimos admitir as más notícias, não estranhámos a desorganização de momento.

Para a explicar, não seria preciso sequer termos a penúria criada pela guerra, a boicotagem da Rússia por todos os Estados, as dificuldades produzidas pelas terríveis lutas internas. Uma revolução social, mesmo num país industrial e num período normal do capitalismo, teria de encontrar dificuldades enormes de reorganização económica e atravessar uma longa série de lutas dolorosas. Estava previsto. *Previu-o Marx, previram-no anarquistas, especialmente os italianos.* A suposição absurda da produção superabundante, em regime capitalista, permitindo a pronta vitória da greve geral pacífica e milagrosa; à utopia da revolução-panaceia, resolvendo tudo por espontânea harmonização das massas e produzindo de chofa a abundância e a anarquia, opôs-se a concepção mais realista duma produção insuficiente a remediar através de mil dificuldades e mil reacções, a previsão dum penoso período de transição e dum demorado embate de tendências. Quem outra coisa esperou, andou a sonhar.

A ditadura maximalista! Os censores pseudo-revolucionários da revolução russa estarão na verdade, convencidos de que, por trás da ditadura leninista, nada mais há na Rússia? de que não

(59) O atentado contra Lenin, foi praticado em 30 de Agosto de 1918, à saída da fábrica Mikhelson, pelo socialista-revolucionário Fanny Koplán. No mesmo dia foi assassinado M. Uritsky, presidente da comissão local extraordinária para combater a contra-revolução de Petrogrado, e, anteriormente, já havia sido morto num atentado o dirigente bolchevique V. Volodarski. Contra a onda de terrorismo branco, decretou o Comité Executivo Central dos Soviéticos o terror vermelho como forma de combater os inimigos da revolução. («História da URSS» Tomo II, pág. 67, ed. Progresso Moscovo).

A 31 de Agosto, escrevia o «Krasnaia Gazeta» de Petrogrado:

«É tempo para nós de começarmos também... Cada gota do sangue de Lenin deve custar aos burgueses e aos brancos centenas de mortos... Os interesses da Revolução exigem o extermínio físico da classe burguesa. Eles são impiedosos; sejamos impiedosos também.»

(Citado por Jean Eleinstein na obra citada págs. 161 e 162).

COMISSÁRIOS DO POVO



LÊNINE



TROTSKI



NOGUIN



LUNATCHARSKI



KRILENKO



DIBENKO



ANTONOV

houve nenhuma espécie de realização socialista? de que tudo se reduziu a declarações e a «decretos»?

Pensarão, na verdade, que não há revolução socialista popular, mas apenas ditadura feroz dum grupo, que milagrosamente se conserva no poder pela violência a despeito dos poderosos inimigos internos e externos que o cercam? Ou, admitindo a existência simultânea da revolução e da ditadura, acham deveras que os Estados burgueses e os reformistas e burgueses russos pretendem apenas destruir a segunda e conservar a primeira? que é possível neste instante derrubar os maximalistas sem ferir a revolução?

Certamente, nós preferiríamos a revolução social sem a ditadura; mas temos que a Defender, tal como está, contra a reacção. Defendemo-la, a revolução, como tal, pelo que ela tem de socialista, pelo que ela tem já de anarquista, nas realizações directas do povo e nas suas possibilidades futuras.

A ditadura, não. Essa, lamentamo-la. Quanto ao Terror, nem sequer o procuraremos justificar como imposto pelas circunstâncias. Pelo contrário: é por isso que não o deploramos. Se se mostrasse inteiramente supérfluo e sem explicação, então fácil seria combatê-lo e derribá-lo; mas perante a necessidade de defesa contra o inimigo supremo, os próprios anarquistas se sentem coactos.

O perigo de essa necessidade criar e justificar aos olhos do povo a ditadura e o terror estava também previsto.

Esse perigo pode acabar por ameaçar a existência da própria revolução, gerando um militarismo e um governo forte, cada vez mais semelhante aos outros. Pode a própria revolução degenerar ou retrogradar, por acção do vírus interior da autoridade, depois de porventura ter escapado aos golpes dos inimigos exteriores. Mas quanto mais estes a atacarem, mais se desenvolverá aquele vírus. A revolução russa será tanto mais socialista e libertária, quanto mais se definir pelo mundo, quanto menos inimigos exteriores tiver, quanto mais a ajudarem as forças do socialismo internacional.

Mas será ingenuidade discutir com o sectarismo cego e com a opinião antecipada. Os que combatem a ditadura na Rússia são os mesmos que aceitam ou não vêem a terrível ditadura militar que impera em todos os países beligerantes, e que apesar dela, colaboraram com um grupo de Estados e lhe enaltecem a obra libertadora! São os mesmos que publicamente deploram não ter sido a ditadura de Kerenski bastante enérgica para reprimir o movimento maximalista!

Menos socialista foi a Comuna de Paris. Apesar disso, apesar do seu jacobinismo, apesar de se não ter generalizado, não se havendo sequer estendido a toda a França — hoje glorificamo-la pelos seus frutos, pelo seu exemplo, pela sementeira imensa que fez. Detestamos os que a traíram, lançamos o opróbrio aos que a hostilizaram e condenaram, mesmo quando se trata de homens de alto valor moral, como Mazzini, que aliás não passava dum patriota republicano, deísta e unitário. Basta que se trate duma revolução de carácter social e popular.

Uma revolução não pode realizar duma vez o nosso programa, nenhum programa. Cada partido tem o direito e o dever de lutar pela realização integral e imediata dos seus fins, e uma revolução é um campo aberto a todas as actividades e iniciativas, é a hora fecunda das lutas supremas. Mas é também um caminho em que se fundem todas as energias. Não nos dá um metal puro: dá-nos uma liga, em que teem maior parte os elementos que mais souberam afirmar-se.

A hora de justiça há-de soar para a revolução russa.»

A SEMENTEIRA e a REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

É publicada ainda uma carta do capitão Jacques Sadoul, adido militar francês na Rússia, dirigida a Romain Rolland, e publicada no *Izvestia*, e algumas curtas notícias sobre o andamento da guerra civil na Ucrânia, sobre a derrota do corpo checo-eslovaco e ainda uma nota sobre o atentado a Lenine, perpetrado pelos socialistas revolucionários⁽⁵⁹⁾.

«O atentado contra Lénine tivera-o para nós deplorável efeito de exasperar os Sovietes, levando-os ao terrorismo. No congresso de 4 de Setembro, dos Sovietes e dos sindicatos operários, foi votada por unanimidade a luta a todo transe contra a burguesia: «É preciso prostrar a burguesia com as costas no chão, de modo que não mais se possa levantar».

As execuções eram de antigos perseguidores e enforcadores de revolucionários, instigadores de pógromes (matanças de judeus), chefes da polícia secreta tsarista (*Okhrana*), etc.

A imprensa burguesa, que tanto fala destes fuzilamentos, esquece-se, porém, de informar os seus leitores da crueldade monstruosa da burguesia germanófila finlandesa, que fuzila operários às centenas gastando na repressão 205 milhões de marcos. Não acentua sequer as prepotências alemãs nos países ocupados, como o restabelecimento da pena corporal na Rússia Branca.

O atentado exaltou ainda os sentimentos de dedicação aos maximalistas e a Lénine, intitulado pelos seus admiradores «o génio da revolução operária», culto que tem os seus perigos.

O próprio Gorki foi lançado pelo facto para os braços dos bolcheviques. As suas obras iam ser editadas em milhões de exemplares para distribuição entre o povo.»

Também se continua a publicar o «Pacto Fundamental da República dos Sovietes», em continuação do número anterior. Na secção «Pela Joeira», assinala-se o facto do Gorki ter

sido nomeado para a direcção das publicações no Commissariado da Instrução Pública, o que desmentia as atoardas da imprensa burguesa sobre a sua situação.

No número 36 de Março de 1919, também na secção «Pela Joeira», se faz eco de uma notícia do *Libération*, e onde se dá conta da colaboração entre anarquistas e bolcheviques na Rússia, e uma carta de Romain Rolland em *La France Libre*, insurgindo-se contra as mentiras da imprensa burguesa sobre a Revolução Russa.

No número 38 (Maio de 1919) são publicados vários documentos sobre a Rússia: um depoimento do pastor americano Albert Rhys William, publicado no *Forward* de Boston, outro de um soldado canadiano integrado no Corpo Expedicionário Canadiano na Sibéria e publicado no *Daily News* de 12 de Fevereiro, um artigo extraído do *Le Populaire de Paris* sobre a educação na Rússia, e uma transcrição do *Pravda* sobre a missão dos soldados.

No número de Julho de 1919⁽⁶⁰⁾, são publicados um artigo de Vera Starkoff⁽⁶¹⁾ analisando os origens do comunismo russo, o Manifesto dos Comissários do Povo dirigido aos trabalhadores das potências intervencionistas⁽⁶²⁾ e assinado por Lenine, Tschitcherin e Trotzky, e o texto de um panfleto distribuído pelos bolcheviques entre os soldados das potências intervencionistas onde se apelava:

«Recusai fazer o trabalho do nosso inimigo comum, o capitalista!

Juntai-vos a nós na luta contra o capitalismo e contra a guerra!

Trabalhadores de todo o mundo, uni-vos!⁽⁶³⁾ Por fim, no número de Julho, o 40 da II Série, é abordada a questão da organização sindical no artigo «Sindicato ou Soviet».

Enquanto isto, estalavam várias revoltas dirigidas por anarquistas, sendo a mais importante a de Makhno, na Ucrânia. Os bandos de Makhno terão um papel extremamente prejudicial em 1920, durante a campanha do Exército Vermelho contra Wrangel⁽⁶⁴⁾.

Com todas as imprecisões perfeitamente naturais, *A Sementeira* contribuiu durante os primeiros tempos da Revolução Russa para um esclarecimento tanto quanto possível correcto desse acontecimento extraordinário que abalou o mundo.

A 5 de Outubro de 1919, sai *A Bandeira Vermelha*, o primeiro jornal português que se intitulou de «maximalista».

TRABALHADORES DE TODO O MUNDO, UNI-VOS!



Bibliografia SEARA NOVA

A RÚSSIA DOS SOVIETES

CARLOS RATES

c/ prefácio de

CÉSAR OLIVEIRA

Colecção BIBLIOTECA SOCIALISTA

Preço: 80\$00

